125 Ovar—Domingo 16 de Dezembro de 1888 3.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs linha.
Repetições..... 20 rs. a linh
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs

E viva o ministerio!

Está annunciado para ámanhã o sorteio dos mancebos recrutados no presente anno. A'manhã, pois, vem este sabio governo pedir ao povo mais uma prova do que é capaz de supportar. Todas as albardas, ainda as mais pesadas, que lhe queira pôr.

E nós cremos que o povo será capaz de soffrer tudo com a maior impassibilidade, resignando-se com a sorte. Chorará, talvez, mas isso que importa aos magnates, que advogaram a necessidade de se promulgar uma lei tão absurda tão prejudicial como é a da prestação do serviço pessoal.

A lei póde ser barbara, mas aos advogados d'ella, aos que presidem a esse sorteio, não incommoda, porque não teem filhos a sortear.

A'manhã será occasião de perguntar se é melhor a actual lei do que a das remissões: amanhã será a occasião de perguntar se foi para collaborar e votar uma lei tão perniciosa que se elegeu por este circulo aquelle que na camara dos deputados se apresente como nosso representante.

Essa lei é bôa, pois não é, povo?

Um pae que adora seu filho vê-o partir para a fileira, entrar na caserna, quando elle lhe era absolutamente necessario para cuidar da casa. E o Estado que lucros tira de arrancar assim um mancebo á sua familia? Nenhuns; gasta ainda para sustentar esse mancebo que era trabalhador e honesto, para o lançar na vida da ociosidade, para lhe incutir vicios máos, damninhos que não contrahiria vivendo na sua aldeia. E o mancebo em vez de instituir-se, embrutece-se pelo servilismo: em vez de morigerar-se, debocha-se. Sahindo da caserna, dando baixa no serviço, o mancebo vem completamente outro, mais velho, mais gasto, menos digno, menos honesto.

Os velhos cujos filhos lhes serviam de amparo e protecção, podem e devem agradecer ao governo tão sabia lei. Essa lei garante-lhes a fome: leva-lhes para longe os filhos como se não tivesse mais bens do povo a arrancar suga o sangue.

A sanguesuga insaciavel não se contentava já com tantos cambalachos como os que tem feito; precisava ainda, para fazer rebentar um grito de maldição, cravar no coração do povo o punhal da moderna escravatura.

E' bom que a experiencia mostre quanto essa absurda lei é contraria ao pensar e sentir da nação. E' bom que o povo conheça bem os homens em que votou, para aprender a melhor avaliar os seus actos politicos.

A'manhã será, talvez, a prova: ámanhã começará a experiencia. E dizemos, talvez, porque é possivel que os agentes do governo temerosos de que os mancebos recrutados se insurjam contra tanto abuso, addiem mais uma vez o sorteio.

E porque se ha-de addiar o sorteio, se elle deve ter logar em um dia proximo, se a prestação do serviço pessoal tem de ser exigida.

Não será melhor acabar essa tragedia, sujeitando-se os incensadores do governo ás consequencias da lei que advogaram?

Cada novo praso marcado para o sorteio é uma punhalada que se vibra sobre o coração dos mancebos resenceados e de seus paes: são novos receios, novas esperanças. Em muitas casas chora-se constantemente: os mancebos e suas familias quasi não teem vontade de trabalhar, esperando sempre que a sorte lhes seja desfavoravel. Era bom que terminasse esta situação augustiosa, terrivel.

Venha o sorteio com todas as suas scenas de tristeza e que o povo tenha a coragem de aguentar o infortunio, já que não teve coragem de se oppôr ás scenas de selvageria que todos presenceámos por occasião das eleições. Então deixou ir para a camara dos deputados um homem que levou d'assalto uma villa inteira com uma duzia de caceteiros; hoje soffra resignado uma lei brutal em que esse deputado collaborou e que não teve pejo de o declarar para que o louvassem. Louve-o por isso o povo—louve-o porque elle é digno de louvores.

E', porem, triste que muitos mancebos e seus paes que não collaboraram e mesmo se opposeram a essas scenas de selvagismo, sejam tambem victimas do procedimento do deputado Magalhães: é pena que esses homens que dariam o pouco, que possuem, para não vêr seus filhos ir para a fileira, sejam constrangidos a soffrer a sorte dos culpados.

Dissemos, quando foi publicada a tal lei, que o dia do sorteio seria o melhor commentario para ella, e que só então se poderia avaliar se era boa ou má. Chega talvez, amanhã esse dia e para alli chamamos os seus defensores.

Nós presenciaremos esse espectaculo, e, em vez de aconselharmos a que ninguem appareça, pedimos que todos alli concorram. E' dever de todos os cidadãos auxiliarem-se uns aos outros. E perante as extorsões do governo é necessario o concurso de todos.

Seria necessario e urgente que em toda a parte o povo protestasse contra esse imposto, se o governo não estivesse já convencido de que a lei que lhe serve de base não é viavel porque concita os animos e pode-os predispor para uma proxima revolta. E não nos admira de que esta tenha em breve logar. E' já demasiada a cargo de tributos que pesam sobre o povo. Paga-se de tudo e a proposito de tudo, uma e mais vezes. Por via dos impostos vão empobrecendo gradualmente todas as localidades; e quando a falta de recursos fôr bastante sensivel será difficil calcular a que exageros os contribuintes possam ser levados quando um outro motivo mais incendeie as suas iras.

E quem sabe se a revolta seria má! Nós não a aconselhamos, tememol-a até, porque são sempre para temer os resultados d'uma guerra civil.

Mas se essa revolta tivesse o poder de acabar por uma vez com tantos esbanjamentos, com tanta desmoralisação como a que vae pelos altas regiões do poder, seria perigosa mas benefica. Ao menos não se veriam todos os dias syndicatos exgotando o thesouro, companhias gosando de grandes privilegios, ministros explorando a nação, pondo em almoeda as suas consciencias. E o povo pagando cada vez mais cara a sua subsistencia, gemendo cada vez mais sob o peso de tributos, emquanto a familia real passeia á custa d'elle.

Para que quando vierem os regios hospedes da familia real, se apresente uma parada em forma com alguns milhares de soldados, vem o governo por uma nova lei arrancar aos velhos os seus filhos, que serviam ou para dirigir as suas casas ou para lhes ganhar o sustento. Que importa que o povo soffra, se os grandes podem orgulhar-se com o espectaculo que os filhos do povo dão em parada aos principes que nos visitarem? Nada. O povo não representa cousa alguma nos calculos e nos divertimentos dos grandes senhores que vivem nas altas regiões politicas.

Amanhã ao principiar do sorteio o povo deve gritar em massa.

Viva o governo!

A administração da regie

Nenhuma reforma tem dado tanto que fazer ao ministerio como a do regimen dos tabacos. As difficuldades principiaram a levantar-se quando o projecto estava na massa dos impossiveis e subsistem ainda hoje. Melhor iria ao ministro da fazenda se tivesse renunciado de vez ás luvas que esperava receber do monopolio, e agora aos lucros que espera tirar do contrabando dos seus amigos. Cada vez se atolla mais no lameiro que creou, cada vez desce mais sendo obrigado a mentir para salvar as suas operações bem combinadas e a curvar-se perante os seus inimigos pessoaes para não ter de eriginar a queda do ministerio.

Temos pena de ver aniquilar-se assim um homem verdadeiramente intelligenté, mas do qual a honra é posta todos os dias em duvida, não sem para isso haver muitos e plausiveis fundamentos. Para governar é preciso mais do que saber e intelligencia—é absolutamente necessario ser e parecer honrado; desde que estas condicções faltem ao ministro, este está perdido. Tratadas e cambalachos como os da companhia dos caminhos de ferro podem fazer-se quem fora do governo e ninguem os reprova, porque os actos commerciaes ou de traficancia teem uma esphera tão lata e são tão adetrictos á entidade da pessoa que a critica tem de pensar por elles fingindo que os não vê, para não invadir um campo que lhe é vedado.

Mas traficar com uma companhia não é o mesmo que contrabandear com o governo, quando se faz parte de um ministerio. E o systema do sr Marianno de Carvalho, resente-se muito d'isto. Pois não representam outra cousa

---

FOLHETIM

A PEROLA MORTA

Debil, magra e pallida no seu farto penteador de rendas sombrias, os olhos largamente abertos, esbugalhados pela visão da morte proxima, os cabellos em abandono, como que descorados em toda a propria palidez, repousa sobre almofadas amontoadas, semelhantes ás tisicas dos *keapsakes*.

A janella está aberta, por isso que é tarde de verão, n'um paiz d'Italia onde o ar não arrefece ao cahir da noite

Pelo caminho, em frente da casa, mulheres com saias claras e chapeus de fitas multicolores, regressando do Corso, passam em caleches, que um pouco mais de longe, se poderiam confundir com maciços de flôres; mais alem, da parte de lá das grades do jardim principesco, dos aloendros e das palmeiras immoveis, prolonga-se a immensa indolencia do Mediterraneo polido e azul, até ao vago horizonte. Emquanto uma estrella, uma unica, se illumina, de oiro entre o azul do céo, de prata sob o azul da agua, o nevoeiro que se levanta, diafano, e que diriamos formado de halito das plantas, de tal modo é perfumado, eleva até á doente, as risadas dos passeantes e o silencio do mar.

Ella, porém, não escuta os risos nem o silencio, meditando no resvalar da sua vida para a campa tão proxima, n'esse resvalar mysterioso que ella julga ouvir. Depois, contempla, no annular da mão esquerda, uma perola no seu engaste, pequena, um pouco embaciada, doente, cujo oriente vacilla e treme, por vezes se vêla e vae a apagar-se, observa-a de mais perto, como que procurando ver n'ella alguma cousa: o que? as suas felicidades d'outr'ora; as suas tristezas de ha pouco, d'agora os sonhos, os beijos, as lagrimas. N'aquella perola está encerrada a sua vida.

*

Uma vez—cinco annos vão passados—havia um baile no castello: o maior prazer da castellã, velha senhora de genio alegre, com os cabellos brancos enfeitados de rendas, era ver redopiar nas polkas as casacas pretas dos mancebos e a musselina das donzellas noivas.

Os pares giravam sob o tinir luminoso dos lustres, ou atravessavam as faxas da pallida claridade que a lua, atravez das sacadas abertas, espargia sobre o pavimento, em forma de leque.

Muito joven então, dezesete annos apenas, aquella que havia d'ir morrer á beira mar d'um paiz italiano, dançava como as outras com menos alegria, com mais felicidade commovida. Amava com um amor quasi ignorado para si propria, o homem que lhe segurava a mão, e lhe cingia a cintura; ouvia com o coração musicas mais suaves que as da orchestra De repente sentiu que elle lhe enfiava no dedo com pressão mais viva um annel muito fino, um pouco frio, introduzido com destreza.

Que era um annel advinhára-o ella logo, não lhe tinha sido preciso o har! Retirou-se, e sahindo do salão, desceu os degráus do terraço entrou n'uma alea de platanos. Parou junto d'um taboleiro de verdura, onde a relva sob a lua cheia verdejava brilhante. Um annel com effeito! n'um engaste de prata, uma pequena perola tão branca, d'um oriente tão puro! Então sabendo-se amada, comprehendeu que amava tambem; com os seus frescos labios de creança ella beijou, e beljou a prenda dos esponsaes. Um ruido de passos foi presentido d'ella: o noivo tinha-a seguido; ella còrou, não se mechendo; com a perola ainda perto da bocca. Contemplaram-se por muito tempo, sem pronunciarem uma palavra. Produzem-se n'estes momentos silenciosas trocas d'almas; passagens de pombas invisiveis d'um para o outro ninho. Depois, com os dedos entrelaçados e contemplando-se sempre, retomaram o caminho do castello, subiram a escada do terraço—praticavam isto juntos e de commum accordo, sem terem combinado fazel-o—chegaram á pequena sala contigua ao salão, d'onde a velha castellã via dançar a gente nova, e ahi passaram, perturbados, não sabendo que dizer.

«Então! que temos?» perguntou a velha senhora. «Ah! avosinha...» balbuciou a proxima noiva. A avó sorriu-se e beijou-a na testa.

Casados, tiveram durante um anno todas as delicias possiveis n'este mundo.

todos esses monopolios, mais ou menos expoliadores que sob titulos differentes se pozeram em pratica: e mesmo os que estão na força para soccorrer os syndicatos lesados pela gritaria da opposição que os tem vijiado e lhes corta os interesses.

A administração progressista tem sido a administração dos syndicatos e dos syndicateiros. A proposito de qualquer medida se organisam essas companhias de olho vivo e impellem depois os ministros a leval-as a effeito.

Foi isto o que se deu com o regimen dos tabacos. Sendo impossivel por em pratica o monopolio, teve o ministro de fugir para a regie—pássou da companhia de Xabregas para o syndicato dos çontrabandistas depois de pagar por um preço excessivo as fabricas expropriadas.

Os centrabandistas não se deixaram dormir. Mas a desvergonha tomou porporções oxcesivas e o da ilhn despertou o paiz mostrando-lhe o logar, explicando o plano.

Mais uma operação bem combinada em risco de se perder:

A administração da regie demittiu-se para não parerer conivente com o snr. Marianno de Carvalho, e novas difficuldades surgiram para nomear o administrador que fosse substituir o demissionario.

Inesperadamenre appareceu nomeado o snr. J, P. Oliveira Martins, um publicista distincto, mas que tinha sido violentamente aggredido pelo snr. Marianno de Carvalho e que pela sua parte tambem tinha aggredido o ministro. Como se tinham conciliado estes dous inimigos pessoaes?

O logar do administrador geral, para que foi nomeado o snr. Oliveira Martins, está por tal forma ligado e dependente do ministerio da fazenda que só pode ser exercido por um individuo de absolutd confiança do ministro.

O facto é que o snr. Oliveira Martins aggressor do ministro da Fazenda e por este aggredido, não só não pediu tal logar que é bastante convidativo pelo grande ordemnado, mas até foi instado por todos os ministros, excepto pelo snr. José Joaquim de Castro, unico que o não procurou para lhe dar satisfações.

Este facto verdadeiramente extranho tinha fundamento—a nomeação do snr. Oliveira Martins era necessaria para a estabilidade do gabinete. Dizia-se que fora o snr. D. Luiz quem imposera ao ministro da fazenda tal nomeação e que o ministro sé vira depois d'isso obrigado a curvar a cabeça perante o seu irreconciliavel inimigo. Ha quem affirme que o snr. Oliveira Martins depois de verdadeiramente informado da situação angustiosa do ministerio e especialmente do ministro da fazenda quizera mostrar que não acceitava a nomeação pedindo 24 horas de praso, mas que as instancias que lhe fizeram os ministros foram de tal ordem que em pouco tempo dera o *sim* tão desejado.

Mais um escolho em que tropeçou este malfado negocio dos tabacos; e d'esta vez nem o rei, apodade outr'ora, pelo snr. Marianno, de capas de ladrões deixou do intervir.

Mas porque recolhsu o snr. D. Luiz para administrador dos tabacos o snr. Oliveira Martins e não outro qualquer individuo?

Competente para exercer devidamento tal logar é decerto o snr. Oliveira Martins. Mas competente como o snr. Oliveira Martins n'este ramo de administração eram muitos outros funccionarios, que teem passado a sua vida pelas secretarias do Estado.

Seria a inimisade conhecida entre o snr. Marianno de Carvalho e Oliveira Martins, um elemento, que o rei julgou dever approveitar em beneficio do thesouro publico, para esta nomeaçao? E' possivel.

Como a fama de que gosa o ministro da fazenda deixa muito a desejar; como esta sufficientemente provado que não ha hoje plano de administração sem que por detraz se veja um grupo de syndicateiros á espreita dos costumados lucros como a antiga sentinella vigilante, José Luciano, se deixa descuidar muito o snr. D. Luiz colloca assim ao lado do ministro da fazenda uma verdadeira sentinella para vigiar os negocios dos tabacos. Esta sentinella não só não se descuidará porque a inimisade desperta, mas não se deixara enganar porque tem conhecimentos bastantes

RISCOS

POBRE BERLÊNGAS!

Já anda n'este mundo expiando os crimes,
Que o recommendarão á posteridade.
Está doido, coitado,—fragil com'os vimes,
Jamais prezou a honra e a dignidade.

E' um fóco de rancor e de malvadez,
Sua alma é vil, a consciencia baça,
Causa até dó e nojo a quem por elle passa,
Por ser tão indigno ou desgraçado talvez...

Ai de ti—Berlêngas,—fugiram-t'os clientes—
Cofre dos «arrufos da tua aristocrata»;
Vae procurar bem longe onde enterrar os dentes
Não terás mais lombos nem castições de prata;

Mas nunca esqueças que sobr'a tua «caveira»
Pairará sempre com sorrisos infernaes,
Como já succedeu a teus avós ou paes,
O «espectro» do pobre João Carvoeira.

Ovar—Dezembro de 1888.

Charanga.

Novidades

Partida—Partiu para o Porto o ex.mo snr. dr. Abel Pereira do Valle. Ainda que não fosse parca a gente sabido o dia em que s. ex.ª se retirava, foram muitos cavalheiros despedir-se de s. ex:ª á estação do caminho de ferro.

S. ex.ª deixou muitas sympathias n'esta villa.

Lancha arribada—Ao sul da costa do Furadouro e proximo á Cruz do Marujo arribar ha dias uma lancha, sem que dentro d'ella viesse pessoa alguma. O mar arremessou para terra o casco que estava perfeitamente intacto vindo ainda o panno da vela e os apparelhos da pesca.

Que houve naufragio não resta a menor duvida mas quando e onde succedeu, é o que se não pode averiguar.

Chegada—Chegou a esta villa o nosso amigo snr. Antonio Fernandes Ribeiro da Costa, vindo da cidade do Rio de Janeiro. Nem a vida de commerciante, nem o calido clima do Brazil poderam em dez annos mudar aquelle nosso sympathico companheiro de Coimbra. O mesmo rapaz e o mesma saude.

Comprimentalmol-o; e esperamos que prolongue a sua estada entre nós por mais tempo de que a licença que trouxe. Seis mezes passam-se depressa: seis mezes não bastam para aviventar sequer as gratas remeniscencias dos tempos antigos.

Theatro—Quasi nos iamos esquecendo sabbado de que havia espectaculo no theatro d'esta villa. E' um acontecimento tão raro, tão fóra das usanças cá da terra que chega a espantar o arrojo dos actores a despertar o povo do seu somno anti-theatrico e a arcar com as constantes arruaças d'uma grande parte dos espectadores.

Ha dous annos ainda ahi veio uma companhia que deu alguns espectaculos mas os arruaceiros tornaram-se por tal forma desbragados que se tornou impossivel ir ao theatro por causa do barulho, do perigo e das indecencias que se proferiam e praticavam.

Essa companhia fugiu e ninguem mais se lembrou de dar espectaculos, até que um grupo de curiosos ensaiu um drama—*A herança do marinheiro*—e uma comedia—*Coração e estomago*—que no sabbado levou á scena.

Do espectaculo propriamente dito pouco disemos. Todos sabem que são recitas de curiosos de que se não pode exigir senão o rasoavel. Do grupo distinguiram-se Casemiro e Couceiro: Falcão disse correctamente o seu papel.

Cá fóra de scena o espectaculo foi mais interessante.

Soares Pinto no seu camarote de auctoridade administractiva, um logar que não pagou, porque de contrario não iria alli, abriu o espectaculo fumando, contra todas as regras. Os espectadores que viram aquillo accenderam tambem os seus cigarros e d'ahi a pouco na salla havia um fumo insupportavel. Vieram os ditos picantes, as chalaças grossas que em parte continuaram mesmo depois de corrido o panno. no primeiro acto. Não faltavam as *pisorgas* que nos ultimos tempos se teem tornado salientes em todos os espectaculos: uns gritava: *fora os C.* outro: *para a feira das Amoreiras*. Uma chinfrineira dos demonios.

Não era permittido aos actores dez minutos para se prepararem. Logo ao cahir do panno principiava o tacão até novamente começar um acto. A auctoridade ficava entretanto no seu camarote, fumando o seu cigarro bregeiro.

N'um dos intervallos levantou-se bulha entre o *affecto*, *menor*, Alla e outro individuo. Jogar ambos a *castanha* o melhor que poderar alli na salla, em frente dos espectadores. Ninguem os prendeu, nem sequer os advertiu. A auctoridade, mandou, até, pedir-lhes que por favor se deixassem de jogar a castanha e convidava em a ir para o seu camarote.

Uma verdadeira comedia.

O espectaculo de sabbado veio provar nos que por emquanto é impossivel dar espectaculos publicos no theatro d'esta villa. Antes de tudo é necessario haver um individuo que como auctoridade administractiva, se faça respeitar.

Festividade—Realisou-se quinta-feira a festividade de Santa Luzia no logar d'este nome, freguezia do Couto de nCcujães.

Foi grande a concurrencia de povo d'esta villa.

A comedia—E' uma verdadeira comedia o que está passando na *coisa* que se chama camara municipal: alli ninguem se entende, não se sabe quem manda.

João Baptista declara alto e bom som que não quer servir mais de vice-presidente porque nenhuma das suas propostas encontra assentimento nos seus collegas dominados pelo *Carga d'Ossos*. A historia do Furadouro que em tempo contámos deu-lhe os maiores dissabores e afinal teve de engulir a concessão feita. Tambem quiz participar para juizo alguns roubos de lenha e o *Carga* não consentiu. Araujo diz que não volta mais. Os outros raras vezes apparecem.

Uma chrinfrineira dos demonios que está a pedir expropriação por utilidade publica.

Cá por fóra o mesmo. Na irmandade dos Passos e na junta da parochia manda sósinho o Abbade da frequezia sem consultar os outros membros: na secretaria da camara governa o Angelo com os seus namoros: na fazenda governa o Alla: na administração o Frederico: no tribunal o Cunha. No jornal o Angelo dirige cartas a is mesmo chamando-se amigo do coração, para apparentar que tem um amigo, o que não é possivel, ao mesmo tempo que faz um necrologio a um cão em cujo alguidar em outro tempo comeu quando a caridade do dono lhe mandava as mesadas.

Uma comedia tudo aquillo. Por isso as pessoas sensatas da villa perguntam aonde irá parar esta comedia porcamente representada.

Nós lhe diremos dentro em pouco de que modo ha-de parar.

Protestos—Os commerciantes do Porto representaram ao governo contra o contracto *celebrado* entre uma nova companhia de vinhos e o governo. Era mais um syndicato organisado á sombra da protecção do snr. Marianno de Carvalho, mas este, como os outros, hade gorar-se, mercê dos importantes protestos que se fizeram ouvir.

Eguaes protestos dirigiram os commerciantes de Lisboa; pois havia já projecto de organisar com os syndicateiros, queridos, uma nova companhia de vinhos para explorar o sul do paiz.

Quando se resolverá o ministro da fazenda a ganhar vergonha?

Recenseamento—Tristissima cousa a intriga e a mentira—Já agora não podemos fazer com que o Angelo tome rumo: principiou assim, assim hade acabar.

Ser esposo e adorar-se, suprema alegria humana! mais feliz, a alma divinisar-se-hia; o céu sabe bem o que faz, recusando uma embriaguez maior que o tornaria inutil.

Ver-se, fallar-se, ouvir-se, contemplar as mesmas coisas, tocar nos mesmos objectos, respirar o ar, é o unico paraizo terrestre, quando alguem se ama.

Confundiam-se elles tão perfeitamente um com o outro que julgavam muitas vezes serem apenas um, como os anjos das visões de Sewedenburgo: se se sentiam dois, era devido apenas ao duplicar da sua felicidade. Com que reconhecimento nos raros momentos em que ficava sósinha—por isso que desde que alli estava, toda ella se pertencia! —Com que grata alegria beijava a pequena perola levantina, tão branca, tão pura, d'um oriente tão vivo, que elle lhe tinha enfiado no dedo, na noite dos mudos esponsaes!

Mas succedeu um facto banal e terrivel, de elle se enamorar um dia ou uma noite, no *boulevard* ou no corredor de qualquer theatro, d'uma rapariga, com arripios até ás palpebras, nada bonita, usando vermelhão nos labios, negro nos olhos pós de arroz sobre cold-cream, estupida, nem sequer engraçada, fallando accentuadamente a giria. Um bando de vagabundos tinham-na certamente arremessado ás fronteiras dos portaes, ás ruas nocturnas, e ella conservava sob o çlmiscar o cheiro do tremedal. Desejou-a, elle, o marido d'uma deliciosa creatura que deixava por toda a parte onde passava, um aroma de primavera humedecida d'orvalho, o aroma da sua alma e do seu corpo, tão puro como a alma.

E uma tal loucura, não foi apenas o capricho d'uma semana. Elle tomou gosto á ignominia no prazer; bebedor de Tokay, deleitado com a enbriaguez do vinho ao litro!

Persistiu na sua vergonha, com uma obstinação de bruto insaciavel. Por esta amante de toda a gente, prompta o enganal-o se elle sahisse um instante, mesmo com o creado do restaurante que acaba de servir os camarões *á lá bordelaise*, abandonou o lar onde a esposa está esperando, o leito onde ella chora. A principio a joven despresada não quiz acreditar n'um tão completo desastre de todas as suas alegrias. Não era verdade! Não era verdade! Os que contavam essa abominavel aventura eram uns malvados, ou não sabiam o que diziam!

Mas por isso que muito amava, nem o despreso nem a colera a salvaram de desespero. Soffreu horrivelmente com fraquezas que a cobriam de rubor, conheceu as longas angustias de esperas nocturnas, o rosto chegado aos vidros, das espionagens tambem em frente da casa, onde apenas uma janella brilha ainda; e, apezar da sua raiva, sentia que se ella apparecesse ella teria no coração e nos labios offertas de perdão.

Mais de tres annos durou esta vida, sem mais uma hora de tranquilidade, até que adoeceu e agora longe da Franca, n'uma cidade de Italia junto ao mar, sentia-se morrer, completamente só, ao desamparo—por isso que a avó não existia já—sem mesmo ter a esperança de que elle estaria ali no dia bem proximo, em que ella deixaria inclinar sobre o travesseiro do leito do hotel, para não mais erguer, a sua cabeça pallida, immovel, de labios abertos pelo esvaecimento da alma.

*

Emquanto que ella sonha com as felicidades d'outr'ora, com as tristezas de ha pouco, d'agora, a noite chega, azul e branca, estrelada. Depois, as horas passam. A madrugada marca no horisonte o dispertar da sua pallidez, vaga, o mar arde sob o sol que nasce. A doente não se mexeu, debil, macilenta e pallida no seu farto penteador de rendas sombrias.

Alguem entra no quarto bruscamente, um homem em traje de viagem, esbaforido por ter subido depressa. Detem-se em face do montão de almofadas, dá um grito, tapando com as mãos o resto, e lança-se de joelhos junto á esposa moribunda. Soluça no seu tardio arrependimento. Porém, nem os lamentos dispertaram a adormecida, e uma lagrima cahindo sobre o engaste do annel, não fez avivar, completamente embaciada, apagada sem oriente para o futuro, a pequena perola morta.

(Trad.)

* * *

Esperem algum tempo e nós então conversaremos devagar. Temos muito que *dizer* d'essa companhia d'Olho vivo onde o snr. dr. Christovão desempenhou um papel egual ao do João Antonio, esse *affecto*.

Não perdem com a demora.

ANUNCIOS JUDICAES

Citação edital

(*1.ª publicação*).

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar, escrivão «Sobreira», correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando Manoel Antonio dos Santos Neves, do logar do Monte, freguezia de Cartegaça, mas ausente em parte incerta do Brazil, para no praso de dez dias depois de terminado o dos editos, pagar conjunctamente com sua mulher Anna Rodrigues da Silva, e com a fiadora Maria Rodrigues de Sá, a Manoel Gomes da Silva, casado, do lugar da Bôa-Vista, freguezia d'Esmoriz a quantia de 121:479 reis, de capital, juros, custas e procuradoria em que foram condemnados na acção ordinaria que este lhe move ou nomear á penhora bens sufficientes, sob pena de devolver esse direito ao exequente, para todos os termos, pena de revelia

Ovar, 30 de Novembro de 1888.

Verifiquei

Servindo de juiz de direito

A. Cunha

O escrivão

Antonio dos Santos Sobreira

(143)

Arrematação

(*1.ª publicação*)

No dia 16 do corrente pelo meio dia á porta do Tribunal sito na Praça d'Ovar, volta pela segunda vez á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a quantia de 280$000 reis no inventario por obito de Antonio da Costa Monteiro, morador que foi na rua do Sobreiro d'esta villa, sendo as despezas da praça e a contribuição de registo á custa do arrematante—uma morada de casas terreas, quintal e mais pertenças, sita na rua dos Ferradores d'esta villa com o numero 7 de policia, avaliada em 350$000 reis.

Para uzarem de seus direitos são citados os credores incertos.

Ovar, 7 de Dezembro de 1888.

Verifiquei

Servindo de juiz de direito

A. Cunha

O Escrivão

Antonio dos Santos Sobreira.

(144)

1.ª publicação.

Faço saber que por sentença com data de 23 de Novembro proximo findo, proferida na acção especial de interdicção por demencia movida por Antonio de Pinho contra seu irmão Manoel de Pinho, ambos solteiros do logar da estrada de Baixo freguezia de Vallega, foi este julgado interdicto do exercicio dos seus direitos como incapaz de governar sua pessoa e bens. E para que chegue ao conhecimento de todos se dá por esta forma cumprimento ao disposto no art.º 427 e § 3.º do codigo do processo civil.

Ovar 7 de Dezembro de 1888.

Verifiquei a exactidão

O Substituto do juiz de direito

A. Cunha.

O Escrivão

Antonio dos Santos Sobreira.

(145)

ANNUNCIOS

PALHEIRO

Quem quizer comprar um palheiro em boas condicções, sito na costa de Paramos dirija-se a Manoel Ferreira Dias' rua da Fonte

OVAR

O CONDE DE MONTE-CHRISTO

POR

ALEXANDRE DUMAS

Edição illustrada com chromos e gravuras

Estando quasi concluida a primorosa edição das MEMORIAS D'UM MEDICO, que a Empreza Litteraria Fluminense tem distribuido com toda a regularidade, e a que o publico de Portugal e do Brazil que honra a nossa casa com o seu favor, fez um acolhimento tão extraordinario, muito além da nossa espectativa. obrigando-nos a reimprimir os primeiros volumes que tinham tido uma tiragem de 6.000 exemplares. não hesitámos um momento em vista das repetidas solicitações de muitos dos nossos assignantes do Brazil, em continuar mos a reeditar as abras primas do grande romancista francez Alexandre Dumas, que ou estão esgotadas, ou são edições tão descuradas, improprias de figurarem na bibliotheca do estudioso, na estante do amador, ou na mesa de costura da leitora elegante.

A todo o leitor intelligente e de bom gosto desagrada-lhe extremamente ver um livro, que é uma obra prima da litteratura, impresso com uma tinta detestavel, d'um papel de embrulhar artigos... de mercearia. Por isso a Empreza Litteraria Fluminense resolveu fazer as suas edições o mais nitidamente possivel, não deixando, no emtanto, de vender os seus livros por um preço diminuto.

Da longa lista das obras primorosas de Dumas escolhemos o CONDE DE MONTE CHRISTO, uma das mais notaveis, das que mais popularidade comquistou em todo o mundo litterario, e em todo o mundo que lê: chegando entre nós a serem conhecidos pelo nome de protogonista do bello romance de Dumas um ou outro argentario que em tempos teve na triste historia da escravidão do Brazil, uma momentanea e ephemera notabilidade.

Nunca o CONDE DE MONTE-CHRISTO teve uma opportunidade mais saliente do que hoje. Ainda que escripto em França ha muitos annos, parece no entanto tel-o sido hoje, e para Portugal.

Quem ao ler o formoso romance que vamos editar, não verá nos seus personagens, como que os retratos fieis dos hemens que a imprensa e a voz publica do nosso paiz denuncia a todo o instante como tendo enriquecido d'um momento para o outro á custa dos actos mais reprovados, das deslealdades mais manifestas, das acções mais infimas e mais repugnantes!

Se qualquer romance bem deleniado é um livro que agrada, o CONDE DE MONTE-CHRISTO é um livro que encanta.

Edmundo aquelle pobre e sympathico marinheiro, sentado á modeste mesa do seu banquete antenupcial sem remorso que obscureça a consciencia, nem um temor que inquiete a sua grande alma; aquelle noivo arrebatado ao amor, á felicidade. á esperança, por uma sombra maldita que se chamou primeiro: inveja, e logo depois razão de estado, desculpa com que em tempos normaes se commettem tantas torpezas: aquelle pobre rapaz sepultado em vida, morto e já esquecido, que annos depois reapparece triumphante como um recuscitado, derramando com uma das mãos, ouro, perolas e brilhantes, e semeando com a outra a vingança de que es- o de todos os opprimidos da terra; aquelle protogonista, é o heroe de uma verdadeira epopeia, que é a brilhante apotheose de todas as virtudes perseguidas e condemnadas pela perfidia que, hypocritamente disfarçada, lavra em quasi todos os corações humanos, e que a civilisação ha tantos seculos procura combater por meio dos mil e um agentes de que se serve.

O CONDE DE MONTE-CHRISTO, é uma obra immortal, que deve ser lida com interesse em todas as epochas e em todos os paizes, a despeito das escolas litterarias existentes, e das que se venham a fundar.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O CONDE DE MONTE-CHRISTO constará de 2 volumes. formato elegante, em optimo papel, impresso com typo novo.

Sera adornado com

23 Chromos-lithographias de 12 côres

mandamos fazer n Barcelona expressamente para esta obra, n'uma das mais importantes officinas d'aquella cidade, e com

8 ou 10 gravuras em madeira

executadas n'esta capital, no atelier Pastor

A obra constará de 31 ou 33 fasciculos de 4 folhas de 8 paginas e um chromo ou uma gravura, sendo distribuido um fasciculo cada semana.

Apesar das despezas importantes, que demanda uma obra tão luxuosa os srs. assignantes pagarão por cada fasciculo a modica quantia de **100 reis.**

As pessoas de fôra de Lisboa poderão tomar a assignatura, enviando a importancia de qualquer numero de fasciculos, os quaes lhes serão regularmente remettidos.

A empreza remette para a provincia os fasciculos, franco de porte.

As pessoas que se responsabilisarem por 10 assignaturas, a Empreza offerece uma gratuitamente.

Assigna-se na provincia em casa dos correspondentes da Empreze, e em Lisboa e Porto em todas as livrarias.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario da — Empreza Litteraria Fluminense— A. A. da Silva Lobo—Rua dos Retrozeiros, 125—LISBOA.

Correspondente em Ovar--Silva Cerveira.

Marcenaria

Joaquim Gomes da Silva antigo official da casa Farraia, acha-se estabelecido por sua conta na Travessa da Fonte, onde desde já faz toda a qualidade de obra pertencente á sua arte.

Espera ser procurado por todos os seus freguezes.

Vae. sendo preciso envernisar obra, a casa dos freguezes, ou envernisa-a na sua loja.

(Preços commodos)

Travessa da Rua da Fonte, 4

OVAR

Relojoaria Farraia

Augusto da Cunha Farraia participa ao respeitavel publico que desde o dia 14 abriu um novo estabelecimento por sua conta, onde se encontram differentes re- de nickel de muitos gostos, assim como relojos de prata e nickel, pequenos de bolso, e variadas correntes, etc., etc.

Tambem concerta relojos e caixas de musica.

Pede aos seus freguezes e amigos que visitem o seu estabelecimento.

8—RUA DA PRAÇA—8

Em frente á casa do Ill.mo Snr. Francisco Rodrigues da Silva.

OVAR

1.500$000 REIS

Dão-se a juro por hypotheca, todo ou em fracções não inferiores a 200$000 reis.

Aqui n'esta redacção se diz.

ESTAÇÃO

JORNAL INLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

ASSIGNATURA

Por anno . . .	4$000 rs.
Por semestre . .	2$100 »
Avulso	200 »

LUGAN & GENELIOUX

Successores de ERNESTO CHARDRON

PORTO

VENDA DE UM PINHAL

Vende-se uma leira de pinhal, sito no Matadouro, que confina do norte com Marianna Malhadares e rua publica, do sul com José Pacheco Polonia, do nascente com José d'Oliveira Vinagre e do poente com o dr. Chaves.

Quem pretender dirija-se á redacção d'este jornal.

Vendas de casas

Quem quizer comprar umas casas sitas na rua de S. Bartholomeu dirija-se a Rosa de Souza Junior.

OVAR

TYPOGRAPHIA DO POVO DE OVAR (OVAR)

Esta typographia completamente habilitada [illegible] o qualquer trabalho consernente á sua arte, a toda qualquer côr, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

Casa

Vende-se uma casa com duas frentes—uma para a rua da Praça, outra para a travessa da Fonte. Tem 9 portaes para a rua e é situada no melhor e mais central local da Villa.

Facilita-se todo o dinheiro d venda da casa pelos annos que comprador quizer.

Tambem se vendem todos os moveis para prompta liquidação.

Para contractar devem-se dirigir os pretendentes ao proprietario.

CAETANO DA CUNHA FARRAIA

Rua da Praça—OVAR